

O PAPEL DA EDUCAÇÃO FRENTE À FORMAÇÃO HUMANA E SUAS IMPLICAÇÕES PARA UM MELHOR CONVÍVIO SOCIOAMBIENTAL

Mayara Raffaelli Maia Medeiros
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)
raffaellibio@gmail.com

Maria do Socorro da Silva Batista
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)
msbatista-@hotmail.com

RESUMO

A formação do homem se dar por meio da educação e se concretiza através do trabalho. Porém, com a intensificação do processo de produção capitalista, o trabalho antes formativo, tornou-se alienante. Dessa forma, o presente artigo tem como objetivo explicitar o papel da educação frente à formação do sujeito e a formação do homem perante o processo de trabalho e suas implicações para um melhor convívio socioambiental. A elaboração deste artigo se deu como requisito parcial para a conclusão da disciplina de Epistemologia do Ensino: implicações para a Educação Básica, do Programa de Pós Graduação em Ensino (PPGE-UERN/UFERSA/IFRN), sendo desenvolvido por meio de revisão bibliográfica, apresentando como base as obras de Charlot (2013); Saviani (2011); Díaz (2002); Noviki (2007) entre outros, vindo a proporcionar reflexões aguçadas no decorrer da disciplina. Desta forma, espera-se que a educação, em específico a educação ambiental com seu potencial formador e consequentemente transformador possibilite ao homem sentir-se integrante do processo de produção e do meio no qual esta inserindo, quebrando com o paradigma do antropocentrismo e venha a contribuir para a construção de relações socioambientais.

Palavras-chave: Formação Humana; Educação; Educação Ambiental.

THE ROLE OF EDUCATION IN RELATION TO HUMAN FORMATION AND ITS ENVIRONMENTAL IMPLICATIONS FOR A BETTER LIVING

ABSTRACT

The formation of man be through education and manifests itself through the work. However, with the intensification of the capitalist production process, the formative work before, has become alienating. Thus, this article aims to explain the role of education across the subject formation and the formation of man before the work process and its implications for improved environmental interaction. The preparation of this article was given as a partial requirement for the completion of the discipline of epistemology of Education: Implications for Primary Education, (PPGE-UERN / UFERSA / IFRN) Graduate Program in Education, being developed through literature review, presented based on the works of Charlot (2013); Saviani (2011); Diaz (2002); Noviki (2007) among others, been providing sharp reflections during the course. Thus, it is expected that education in specific environmental education with his trainer and consequently potential transformer enables the man to feel an integral part of the production process and the environment in which this entering, breaking with the paradigm of anthropocentrism and will contribute to the construction of socio-environmental relations.

Key words: Human Formation; education; Environmental education

1. INTRODUÇÃO

O homem não se define como tal no próprio ato de seu nascimento, pois nasce apenas como criatura biológica que carece se transformar, se recriar como Ser Humano, onde, o homem ao nascer não se encontra equipado nem preparado para orientar-se no processo de sua própria existência (RODRIGUES, 2001, p. 240). De acordo com Saviani (2011, P.11) o homem não se faz homem naturalmente, ele não nasce sabendo ser homem, ele não nasce sabendo sentir, pensar, avaliar, agir, devendo para isso aprender, o que implica o trabalho educativo. O ser nascente, não homem, necessita, pois, receber uma formação completa para poder existir junto aos outros homens como um ser igual e completo (RODRIGUES, 2001, p. 242).

Desta forma, fica claro, assim como afirma Kant que “o homem é a única criatura que precisa ser educada” reafirmando que “o homem não pode se tornar homem senão pela educação” (RODRIGUES, 2001, p. 240). Sendo os homens os únicos seres, entre os “inconclusos”, capazes de ter não apenas sua própria atividade, mas a si mesmos, como objeto de sua consciência, o que os distingue do animal, incapaz de separar-se de sua atividade (FREIRE, 2011, p.122). Pode-se, desse modo, compreender que a Ação Educativa, enquanto Ação Formativa é uma atividade extremamente complexa e de alta responsabilidade (RODRIGUES, 2001, p. 243).

Assim, Freire (2011, p.128) afirma que:

É como seres transformadores e criadores que os homens, em suas permanentes relações com a realidade, produzem, não somente os bens materiais, as coisas sensíveis, os objetos, mas também as instituições sociais, suas ideias, suas concepções. Sendo através de sua permanente ação transformadora da realidade objetiva, que os homens simultaneamente, criam a história e se fazem seres históricos-sociais.

Ficando estabelecido de acordo com Comenius (2006, p. 76) que a educação é necessária a todos que nasceram homens, para que sejam homens e não animais ferozes, brutos, não paus inúteis. Sendo o Homem educado, o que atingiu a sua maioridade, que se emancipou de todos os que foram os condutores dos seus primeiros passos e ao se emancipar, torna-se o condutor do próprio processo de reformação, de auto-desenvolvimento, tendo como diretriz básica da educação: educa-se para a emancipação, para a autonomia (RODRIGUES, 2001, p. 249). Assim, segundo o mesmo autor (2001, p. 242) educar implica retirar do indivíduo tudo que o confina nos limites da Natureza e dar a ele uma outra conformação, só possível na vida social.

Sendo a educação o caminho necessário para a formação do sujeito-cidadão (RODRIGUES, 2001, p. 236), formação esta, que se concretiza por meio do trabalho. Onde o trabalho de acordo com Saviani (2011, p.11) consiste em uma atividade intencional, sendo o que diferencia o homem dos outros animais, (Tozoni-Reis, 2007, p. 189) definindo a essência humana, a natureza humana. E assim, o trabalho coletivo que é feito através da história, permite a espécie humana não apenas sobreviver, mas construir um mundo próprio, inventando-se através de sua relação de trabalho com a natureza, no decorrer da história (CHARLOT, 2013, P. 169).

Porém, o processo de produção capitalista, com o acúmulo de bens e a exploração descontrolada dos recursos, tornou o trabalho humano, não formativo, mas alienante. E essa alienação do sujeito enquanto humano por meio da produção capitalista, fez desencadear uma crise civilizatória, uma crise ambiental. Assim, sendo os seres humanos, os únicos seres, que por terem capacidade de raciocínio, poderem se antecipar aos efeitos futuros e trabalhar na conservação do meio (DÍAZ, 2002, P. 89), faz-se necessário intervir nesse processo alienante, no qual o homem não se sente integrante do meio em que esta inserindo. E essa intervenção só se faz possível por intermédio da educação.

Assim, Noviki (2007, 145) enfoca que:

Cabe a educação e a educação ambiental, transcender a “aparência/fenômeno” (alienação: sentimento de não pertencimento do homem à natureza, ao meio ambiente) rumo à nossa “essência”: o fato de sermos “humanamente naturais ou naturalmente humanos”, através do trabalho, ou seja, superar a “falsa consciência” ambiental, rumo a práxis que articula reflexão e ação.

Em meio ao processo alienante no qual os sujeitos são impostos e a abordagem reducionista do meio ambiente, Lima (2011, p.151) destaca que a Educação Ambiental surge como crítica a ausência de uma abordagem dos problemas ambientais no interior da educação constituída. Desta forma, a EA nasceu denunciando a ausência da temática ambiental nos currículos educacionais e defendendo a importância de sua incorporação (LIMA 2011, p.192).

Assim, o presente artigo tem como objetivo explicitar o papel da educação frente à formação do sujeito e a formação do homem perante o processo de trabalho e suas implicações para um melhor convívio socioambiental.

2. FORMAÇÃO DO HOMEM PERANTE O PROCESSO DE TRABALHO

O homem, ao ser dotado de corpo, é feito para trabalhar, e no entanto vemos que não tem de nascença nada mais que simples aptidões: será preciso ensiná-lo aos poucos a sentar-se, a ficar ereto, a andar, a mexer as mãos para realizar uma operação (COMENIUS, 2006, p.72). Onde o fato de o homem necessitar continuamente produzir a sua existência, e assim, adaptar a natureza a si, ajustando-a, segundo as suas necessidades é o que o caracteriza, sendo esta, a marca distintiva do homem que surge no universo, no momento em que um ser natural se destaca da natureza, entra em contradições com ela e, para continuar existindo, precisa transformá-la. Essa é a razão pela qual o que define a essência da realidade humana é o trabalho, pois é através dele que o homem age sobre a natureza, ajustando-a as suas necessidades (SAVIANI, 2011, p. 80). Assim, a educação, compreendida como formação humana, como instrumentalização dos sujeitos no processo de humanização, tem como ponto de partida o trabalho, a atividade vital humana em suas formas históricas, pois elas definem as relações dos sujeitos entre si e deles com a natureza (TOZONI-REIS, 2007, p. 190).

Agindo sobre a natureza, ou seja, trabalhando, o homem vai construindo o mundo histórico, o mundo da cultura, o mundo humano (SAVIANI, 2011, p. 81). Sendo a relação homem-natureza construída com base no caráter finito e limitado da naturalidade humana, que coloca o homem numa situação de dependência do seu eu complementar, chamado de “corpo inorgânico” – a natureza transformada, transformada pelo trabalho (TOZONI-REIS, 2007, p. 189).

A partir da ideia de que o trabalho define a natureza humana – o homem se relaciona com a natureza na forma desta atividade vital, o trabalho – a concepção de homem se completa no pensamento marxista pela consideração que somente se pode compreender a essência humana no desenvolvimento histórico: trabalho e história resultam em compreender o homem nas relações sociais (TOZONI-REIS, 2007, p. 189).

Assim, a espécie humana inventa-se através de sua relação de trabalho com a natureza, no decorrer da história (CHARLOT, 2013, P. 169).

No princípio, o homem agia sobre a natureza coletivamente e a educação coincidia com o próprio ato de agir e existir, com o trabalho, portanto. O ato de viver era o ato de se formar homem, de se educar. E já que não existe produção sem apropriação, nesta fase inicial, os homens apropriam-se coletivamente dos meios necessários à produção de sua existência. Os meios de existência eram, pois de uso comum (SAVIANI, 2011, p. 81).

Desta forma, o homem através do trabalho transforma a natureza visando atender em princípio às suas necessidades, porém, diferentemente dos outros animais, o ser humano pode produzir, criar, sem a pressão da necessidade (NOVICKI, 2007,

P.141). Assim, em decorrência do desenvolvimento das forças produtivas no âmbito do feudalismo, acumulam-se recursos através das atividades mercantis, que deslocam a terra da condição de meio de produção principal, passando os meios de produção a assumir a forma de capital, surgindo uma nova sociedade, capitalista ou burguesa (SAVIANI, 2011, p. 82). E essa organização do trabalho no modo de produção capitalista propicia uma construção de conceito de trabalho alienado. Onde, o processo de trabalho que caracteriza o capitalismo implica a alienação do produto do trabalho e da alienação da atividade do trabalho (TOZONI-REIS, 2007, p. 192). Sendo o trabalho imposto e não voluntário, e consequentemente forçado. Não constituindo a satisfação de uma necessidade, mas apenas um meio de satisfazer outras necessidades (MARX, 1993, p.162).

Em decorrência dessa organização social do trabalho no capitalismo como trabalho imposto, alienado, temos a alienação das pessoas humanas: deles entre si e deles em relação à natureza. Nesse tipo de trabalho Tozoni-Reis (2007, p. 192) destaca que o trabalhador não se realiza plenamente como pessoa humana, é um ser unilateral; cindido em sua atividade vital. Sendo sob o capitalismo, o trabalho, uma atividade que não desenvolve plenamente o ser humano, não o realiza, cindi-o.

2.1 COMPORTAMENTO HUMANO FRENTE À CRISE AMBIENTAL

Em meio aos novos padrões de trabalho desenvolvidos pelo capitalismo, “no século XX, o homem com sua remota obsessão de dominar a natureza, reduz-se a trabalhador, sua vida torna-se prejudicada e sua própria natureza é recalcada, emergindo assim a revolta da natureza, expressa nos mais variados modos de adoecimento, de agressividade ou de indiferença” (PEDROSA, 2007, p 71). E na medida em que o capitalismo coloca os homens em condição de rivalidade consigo próprios e com a natureza, ele torna-se não apenas uma tragédia econômica, mas uma tragédia humana (*ibid*, 2007, p 73).

Desta forma, a convivência com o capitalismo no século XX bem como os impactos por ele gerados, aprofundaram as diferenças sociais, marcadas pela divisão entre o capital e o trabalho e a produção destrutiva da natureza, trazendo para a humanidade consequências negativas, surgindo a crise ambiental como parte integrante de uma crise mais ampla, uma crise civilizatória (BATISTA, 2007, p. 14). Assim, com a evolução da humanidade, os seres humanos vieram isolando-se em sua relação com a

natureza, dominando o meio ambiente e colocando-o a seu serviço, sendo esta postura desarmônica responsável por desencadear o desequilíbrio ambiental (GUIMARÃES, 2007, p.33).

Onde o atual estágio de desenvolvimento do modo de produção capitalista atingiu patamares de destruição ambiental não experimentados em nenhuma outra fase da história da humanidade (TREIN, 2007, p. 130). E esse novo modo do homem se relacionar com a natureza, por meio da exploração irracional dos seus recursos naturais, propiciou uma abordagem reducionista do meio ambiente, abordagem está baseada exclusivamente em seus aspectos biológicos/naturais (concepção naturalista), desconsiderando o ser humano e as relações sociais: a “parte” (natureza) é tratada como se fosse o todo “meio ambiente” (CASCINO, 1999; GUIMARÃES, 2000; MEC/MMA, 1997; MMA, 2000; PEDRINI, 1997; REIGOTA, 1995; LOUREIRO, 2000 Apud NOVICKI, 2007, P.138).

Nesta perspectiva reducionista, o desenvolvimento da EA é inviabilizado (Grün,1996), consistindo num “adestramento ambiental” (Brügger,1994), que tem como horizonte unicamente a mudança de comportamento individual e não de valores pela sociedade. Essa ausência de crítica ao modo de produção capitalista direciona a educação para uma ética “comportamentalista-individualista”, que privilegia performance individual, culpabilizando o indivíduo, a espécie humana pela degradação ambiental (NOVICKI, 2007, P.135).

Sendo a educação a chave, em qualquer caso, para renovar os valores e a percepção do problema, desenvolvendo uma consciência e um compromisso que possibilitem a mudança, desde as pequenas atitudes individuais, e desde a participação e o envolvimento na resolução dos problemas (Díaz, 2002, P. 44), onde a introdução do termo “ambiental” na educação propõe, segundo Grün (1996) o resgate do que parecia esquecido na educação moderna: o ambiente. Considerando-se assim, a Educação Ambiental como uma necessidade de tematizar, na educação o ambiente, cabendo a educação, na escola ou fora da escola incorporar o tema ambiental em seus processos (TOZONI-REIS, 2007, p.180). Para Saviani, o papel da educação na sociedade moderna, capitalista, é contribuir para um movimento maior de transformação desta sociedade numa sociedade mais justa e igualitária (TOZONI-REIS, 2007, p.209).

Assim, Tozoni-Reis (2007, p.180) destaca que devemos abordar a educação, no âmbito da pedagogia crítica, que tem como preocupação central a prática social transformadora, a construção de relações sociais plenas de humanidade dirigidas para a sustentabilidade social e ambiental.

A pedagogia crítica na educação ambiental, partindo do princípio que a relação homem-natureza é construída pela história social, confere a educação, a função de instrumentar os sujeitos para uma prática social ecológica e democrática. A educação ambiental crítica, transformadora e emancipatória, portanto é formulada a partir da ideia de que a educação é prática social construída e construtora da humanidade, que não podendo inventar uma realidade supra-histórica, é construída no interior das relações sociais concretas de produção da vida social, contribuindo na construção dessas mesmas relações. A formação humana plena na perspectiva de superação radical da alienação, da exploração do homem pelo homem e da exploração da natureza pelos seres humanos, exige um processo educativo ambiental que instrumentalize os sujeitos para uma prática social ambiental (Tozoni-Reis, 2004).

Em face dos grandes problemas ambientais da sociedade contemporânea, as recomendações dos organismos internacionais sofreram uma evolução positiva, passando de propostas essencialmente conservacionistas a outras, de mais longo prazo, nas quais a educação desempenha um papel decisivo (DÍAZ, 2002, P. 51). Desta forma a realidade aponta para a necessidade de reflexão sobre as transformações sociais, não apenas possíveis como também necessárias, no sentido da construção de uma nova interdependência entre a natureza e o trabalho humano (TREIN, 2007, p.117)

2.1.1 O que pode fazer a educação mediante os problemas ambientais?

Partindo da ideia que educação é um fenômeno plurifacetado (Libâneo, 1998), um conceito amplo, decorrente da característica essencialmente humana de incompletude, de permanente “vir-a-ser” (Saviani, 2011) que, sob a base biológico-natural exige um processo de humanização que confere ao ser humano humanidade, as teorias da educação referem-se à compreensão da formação humana. Porém Freire (2011, p.108) enfatiza que essa formação humana não pode ser muda, devendo nutrir-se de palavras verdadeiras, reforçando que existir humanamente, é pronunciar o mundo é modifica-lo.

Os primeiros analistas da questão ambiental contemporânea consideram que, ao lado de outras iniciativas, a educação tinha um importante papel a cumprir na mudança das mentalidades em relação à problemática ambiental (LIMA, 2011, p.100). Cabendo a educação e a educação ambiental, transformar o “homem em si” em “homem para si”, retirando-o da condição de recurso, coisa ou mercadoria, força de trabalho para o

capital, cabendo ainda a EA, na perspectiva da emancipação humana, contribuir para o entendimento de que a fragmentação do homem é produzida/ reproduzida constantemente pelo modo de produção capitalista, através de diferentes mecanismos, como estranhamento, alienação ou “falsa consciência” (NOVIKI, 2007, P.145).

A educação ambiental é uma ação política que contribui na transformação social, tendo os princípios de cooperação, coletividade e participação como norteadores do processo educativo, referindo-se à transformação das relações dos homens entre si e deles com o ambiente no sentido histórico (TOZONI-REIS, 2007, p. 182). Segundo Saviani (2011, p.34) tal transformação deve se dar por meio da educação libertadora, visto que esta questiona concretamente a realidade das relações do homem com a natureza e com os outros homens.

Hoje não existe uma estratégia de desenvolvimento da EA, seja em âmbito institucional ou de ponto de vista didático, que não inclua os aspectos formativos (DÍAZ, 2002, P. 147). Ficando claro por meio da agenda 21, que a educação em matéria de meio ambiente e desenvolvimento, deve ocupar-se da dinâmica do meio ambiente físico/ biológico e do meio socioeconômico e do desenvolvimento humano, integrando-se em todas as disciplinas e utilizando métodos acadêmicos e meios efetivos de comunicação (DÍAZ, 2002, P. 60).

Nesse sentido, de acordo com Rodrigues (2001, p. 242) a Educação, entendida como o processo de formação humana, atua sobre os meios para a reprodução da vida, bem como coopera para estender a aptidão do homem para olhar, perceber e compreender as coisas, para se reconhecer na percepção do outro, constituir sua própria identidade, distinguir as semelhanças e diferenças entre si e o mundo das coisas, entre si e outros sujeitos.

3. METODOLOGIA

O presente artigo foi desenvolvido por meio de revisão bibliográfica e reflexões aguçadas no decorrer da disciplina de Epistemologia do Ensino: implicações para a Educação Básica, do Programa de Pós Graduação em Ensino (PPGE-UERN/UFERSA/IFRN), à cerca da temática em questão (formação humana), relacionando-a ao objeto de estudo da pesquisa de metrado (educação ambiental) e ainda como requisito parcial para a conclusão desta disciplina. Para isso, apresentou

como base as obras de Charlot (2013); Saviani (2011); Díaz (2002); Noviki (2007) entre outros autores, em meio a uma seleção de livros e artigos trabalhados na mesma.

A revisão de literatura é descrita como a busca de informações sobre um tema ou tópico que resuma a situação dos conhecimentos sobre um problema de pesquisa. Sendo o principal objetivo da revisão de literatura fornecer uma síntese dos resultados de pesquisa, para auxiliar o profissional a tomar decisões (POLIT; HUNGLER, 1995).

4. CONCLUSÃO

Diante do que foi exposto, percebe-se que a educação é o que humaniza o homem quanto ser inconcluso, sendo esta, concretizada por meio do trabalho. Porém, o trabalho antes formativo, com a intensificação do processo de produção, torna-se alienante, gerando todo um desequilíbrio ambiental, onde o homem não se sente integrante desse processo, sendo um ser a parte. Em virtude dos fatos mencionados sentiu-se a necessidade de contornar essa situação de alienação humana, e para isso faz-se necessário a inclusão do tema ambiental na educação, sendo possível contornar este quadro por meio da educação ambiental, visto que a mesma, segundo Tozoni-Reis (2007, p. 182) é uma ação política que contribui na transformação social e refere-se à transformação das relações dos homens entre si e deles com o ambiente no sentido histórico. Desta forma, acredita-se que por meio da educação ambiental pode-se formar cidadãos críticos e reflexivos de suas práticas, quebrando com os paradigmas do antropocentrismo, desenvolvendo uma relação mais harmoniosa para com o meio no qual o homem esta inserido, contribuindo na produção do trabalho consciente, para um melhor convívio socioambiental e conseqüentemente para a formação humana.

5. REFERÊNCIAS

BATISTA, Maria do Socorro da Silva. **Políticas Públicas de Educação Ambiental: A Gestão do Programa Municipal de Educação Ambiental de Mossoró/RN**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Programa de Pós Graduação em Educação. Natal/RN, 2007.

BRÜGER, P. **Educação ou adestramento ambiental?** Florianópolis: Letras contemporâneas, 1994.

COMENIUS. **Didática Magna**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006 (Paideia).

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber às práticas educativas**. São Paulo: Cortez, 2013.

- DÍAZ, Alberto Pardo. **Educação ambiental como projeto**. 2ª ed. Porto Alegre: Artemed, 2002.
- FOLADORI, G. **Limites do desenvolvimento sustentável**. Campinas, SP: UNICAMP, 2001.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50 ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
- GRÜN, M. **ética e educação ambiental: a conexão necessária**. Campinas: papiros, 1996.
- GUIMARÃES, Mauro. **A dimensão ambiental na educação**. 8ª. ed. Campinas: Papyrus, 2007.
- LIBÂNIO, J. C. **Pedagogia e pedagogos. Para quê?** São Paulo: cortez, 1998.
- LIMA, Gustavo Ferreira da Costa. **Educação Ambiental no Brasil: Formação, identidades e desafios**, Campinas-SP: Papyrus, 2011
- MARX, K. **Manuscritos econômicos-filosóficos**. Lisboa: edições 70, 1993.
- NOVICKI, Victor. Práxis: problematizando consciência e participação na educação ambiental brasileira. **A questão ambiental no pensamento crítico: natureza, trabalho e educação**. Rio de Janeiro: Quartet, 2007. p. 135-175.
- PEDROSA, J. G. O capital e a natureza no pensamento crítico. In: LOUREIRO, C. F. B (Org.). **A questão ambiental no pensamento crítico: natureza, trabalho e educação**. Rio de Janeiro: Quartet, 2007. p. 69-112.
- RODRIGUES, Neidson. **Educação: Da Formação Humana À Construção Do Sujeito Ético**. Educação & Sociedade, ano XXII, no 76, Outubro/2001. Disponível em: www.scielo.br/pdf/es/v22n76/a13v2276.pdf. Acesso: em: 06 de jul de 2014.
- SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 11ª ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.
- TOZONI-REIS, M. F. C. **Educação ambiental: natureza, razão e história**. Campinas: autores associados, 2004.
- TOZONI-REIS, M. F. C. A contribuição para uma pedagogia crítica na educação ambiental: reflexões teóricas. **A questão ambiental no pensamento crítico: natureza, trabalho e educação**. Rio de Janeiro: Quartet, 2007. p. 177-219.
- TREIN, Eunice. A contribuição do pensamento marxista à educação ambiental. **A questão ambiental no pensamento crítico: natureza, trabalho e educação**. Rio de Janeiro: Quartet, 2007. p. 113-134.
- POLIT, D. F; HUNGLER, B. P. **Fundamentos da pesquisa em enfermagem**. 3a ed. Porto Alegre: Artes Médicas;1995.